

**Roteiro polos espazos vitais e literarios de
Eugénio de Andrade en Porto
con Arnaldo Saraiva**
Porto, 14 de outubro 2023
Código en fprofe: G2303006



**XUNTA
DE GALICIA**

CONSELLERÍA DE
CULTURA, EDUCACIÓN
E UNIVERSIDADE



Arnaldo Saraiva

Arnaldo Saraiva Licenciado em Filologia Romântica pela faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, doutorou-se na Universidade do Porto, com a tese *Carlos Drummond de Andrade: do Berço ao Livro*. É professor emérito da **Universidade do Porto**, de cuja Faculdade de Letras foi professor de Estudos Brasileiros e Africanos, tendo também ensinado na **Universidade da Califórnia em Santa Bárbara**, na **Universidade de Paris – Sorbonne Nouvelle** e na **Universidade Católica Portuguesa-Porto**.

Foi membro da direção da Cooperativa Árvore, presidente do Conselho Geral do Boavista Futebol Clube, fundador do Centro de Estudos Pessoanos, presidente da Fundação Eugénio de Andrade, cronista colaborador da Radiotelevisão Portuguesa e da Radiodifusão Portuguesa, codirigiu a revista *Persona* e o jornal *O Boavista*, do qual foi fundador e ator em filmes de Luís Galvão Teles, António Reis, Saguenail e Joaquim Pinto. Autor de extensa bibliografia, entre os seus livros incluem-se: *a e (poemas 1959-66)* (1967), *Carlos Drummond de Andrade: do Berço ao Livro* (1968), *Encontros Des Encontros* (1973), *Os Hinos Nacionais* (1973), *Mário Cláudio - um Verão Assim* (1974), *Literatura Marginalizada* (1975 e 1980), *Bilinguismo e Literatura* (1975), *Correspondência Inédita de Mário de Sá-Carneiro a Fernando Pessoa* (1980), *Fernando Pessoa e Jorge de Sena* (1981), *In* (1983), *Para a história da leitura de Rilke em Portugal e no Brasil* (1984), *O Modernismo Brasileiro e o Modernismo Português* (1986), *Um Nome para o Seu Filho e para a sua Filha seguido de Os Escritores e os Nomes* (1986), *Eugénio de Andrade* (1987), *O Livro dos Títulos* (1992), *Fernando Pessoa Poeta-Tradutor de Poetas* (1996), *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade* (1995), *O Sotaque do Porto* (1996), *Conversas com Escritores Brasileiros* (2000),

Índice

Ponto 1 – Duque de Palmela, nº 111	03
Ponto 2 – Praça da Alegria e Rua de São Vítor.....	11
Ponto 3 – Alto e Baixo Douro	12
Ponto 4 – Cemitério do Prado do do Prado do Repouso.....	13
Ponto 5 – Escola de Belas Artes, Café Cifrão, Café São Lázaro e Café São Paulo	14
Ponto 6 – Jardim de São Lázaro	17
Ponto 7 – Biblioteca	19
Ponto 7 – Rua Coelho Neto	20
Ponto 8 – Café Majestic	20
Ponto 9 – Desaparecido teatro TEP	20
Ponto 10 – Praça da Batalha	21
Ponto 11 – Muralha	23
Ponto 12 – Porto	24

Folhetos de Cordel e Outros da minha Coleção (2006), *Poesia de Guilherme IX de Aquitânia* (2008), *Augusto dos Santos Abrantes, Escritor e Agitador Cultural em Portugal, em Moçambique e no Brasil* (2013), *O Génio de Andrade* (2014), *Dar a Ver e a se Ver no Extremo – O Poeta e a Poesia de João Cabral de Melo Neto* (2014), *Os Órfãos do Orpheu* (2015).



— Largo da rua Duque de Palmela, nº 111 — Café Duque

Texto 1

Rua Duque de Palmela, 111

Pelo lado dos lódãos ao fim do dia
depressa se chega agora no verão
à pedra viva do silêncio
onde o pólen das palavras se desprende
e dança dança dança até o rio.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da terra e outros epitáfios*

Texto 2

A um lódão da minha rua

Ninguém tem corpo mais fino,
nem braços tão delicados
como este lódão
crescendo com vigor à minha porta.
Tenho com ele desvelos de namorado,
limpo-o de ervas daninhas,
rego-lhe a terra ao calor de Agosto,
alegro-me a cada rebento novo,
cada folha recente. Cresce e cresce
em esplendor, certo de ser amado.

Eugénio DE ANDRADE (1992) *Rente ao Dizer*

Texto 3

Fim de tarde em S. Lázaro

Estou sozinho. Nas estantes, restos
da minha vida. É quase
noite sobre os telhados.
No livro abandonado nas mãos
corre um rio: à deriva,
duas ou três coisas que foram
minhas: um punhado de amoras,
a porosa delícia do barro,
essas nuvens, essas



aves num céu branco de trigo,
um sorriso
que também era um copo de água.

Eugénio DE ANDRADE (1992) *Rente ao Dizer*

Texto 4

(...) tinha em frente da varanda do meu quarto um lódão enorme, onde os pássaros me despertavam. (...) o lódão foi sacrificado a maçarico aos deuses da Tecnologia – os donos da oficina de reparação de automóveis necessitavam de espaço para consertar viaturas na rua. Viva o Progresso e morram esses idiotas que pensam que uma árvore é mais importante do que um automóvel!

Entrevista concedida a Helena Vaz da Silva, *Expresso*, 27/5/78.

Texto 5

Sobre a casa

–*Como é a sua casa?*

–É pequena, atravancada de livros, discos e quadros. Uma sala, um quarto, e pouco mais. Trabalho na sala, numa mesa que tanto dá para comer como para escrever. Para ler e ouvir música prefiro o quarto -tem um bom maple, onde ambos, eu e a gata passamos algumas horas diariamente -eu a ler, ela a dormir.

–*Onde gostaria de viver?*

–A terra está a ficar inavitàvel -a estupidez, a poluição e o lixo crescem mais do que o deserto. Qualquer sitio é bom logo que tenha pouca gente, árvores e o mar não esteja . distante. E, naturalmente, aqueles amigos, que dão algum sentido à vida.

(...)

–*Como se relaciona com o dinheiro?*

–Sou muito inábil em coisas de dinheiros, o que não tem importância visto que nunca pretendi ser banqueiro nem usurário. Como quase não saio de casa, nem compro discos; nem livros, e a renda é antiga, o dinheiro da aposentação vai dando para comer e até às vezes, quando chega algum do editor, dá para uma extravagância: comprar uma garrafa de vinho de Borba ou de Colares para o amigo que venha jantar.

–*E com o poder, como é a relação?*

–Que relação pode existir entre a poesia e o poder? Com o poder nenhuma, mas com o anti-poder pode existir alguma.

–*Em que movimentos literários participou?*

–Não participei em movimentos literários, nunca fiz parte de nenhum grupo, não sou sócio de nenhum clube desportivo, nem pertenço ao rancho folclórico da minha freguesia. Nisso, sou sozinho. Verdadeiramente.

(...)

–*Tem uma casa bonita...*

–Todas as casas onde há livros e quadros e discos são bonitas. E são feias todas as casas, por mais luxuosas, onde faltem essas coisas. A casa é alugada, e pequena, como ve: um quarto, uma sala, um corredor a ligá-los, a cozinha, o quarto de banho. Nunca tive possibilidade de comprar uma casa, fui sempre pobre, o dinheiro nunca me atraiu. Se quer saber mais, acrescentarei: pago uma renda antiga, ser-

meia im possível mudar para uma casa mais ampla, com outra situação (por exemplo: perto do mar, com três árvores a roda e um melro desafiando o primeiro crepúsculo com a sua musiquinha de água). O dinheiro da aposentação, depois de trinta e cinco anos de trabalho nuns servios do Ministério da Saúde, juntamente com os direitos de autor de vinte volumes publicados e várias vezes reeditados, não dão para mais. Ser poeta também é isso, essa inabilidade para o mundo do lucro e da usura.

—Como é o dia-a-dia de um poeta com o seu prestígio?

—Exactamente igual ao de um poeta sem prestígio. O dia, para mim, começa muita vez a roda das seis da manhã: a essa hora principio a ler um desses três ou quatro livros em que me debruço simultaneamente ou a reler o que escrevi no dia anterior, pois durmo com o trabalho a cabeceira. Levanto-me depois de ouvir o noticiário das oito e trato da primeira refeição do Micky, além de lhe mudar as areias. Só então faço o chá e as torradas para mim. Arranjo-me seguidamente e trabalho até ao meio-dia. Entretanto, a empregada chegou as nove e sabe perfeitamente o que tem a fazer —é inteligente, silenciosa, discreta, qualidades que são difíceis de juntar numa mulher. Ao meio-dia chega o Miguel para almoçar, voltando ao colégio a uma e meia. Vou então ao Café Cifrão, onde passo os olhos por *El País* e as vezes releio, de lápis na mão, o trabalho da manhã. Às três já estou em casa, faço algum correio, até que o Miguel chega para o chá. (Curiosamente, chá foi a primeira palavra que ele pronunciou.) E o único luxo desta casa, o chá, trazido de Inglaterra das melhores escolhas provindas da Formosa, da India, do Ceilão, do Quénia. Gosto de chás aromáticos, especialmente o *Earl Grey*. Os bules também vieram de longe: China, Suíça, Inglaterra. Quando gosto muito das pessoas, uso um serviço de porcelana de um vermelho terroso, delicadamente trabalhado, a flor do chá em relevo, que me trouxeram de Guangzhou. Naquelas chávenas, a mais formosa das bebidas que, na opinião de Okakura Kakusó, representa o verdadeiro espírito da democracia oriental, fazendo de todos os seus apreciadores aristocratas em matéria de gosto, naquelas chávenas, dizia eu, o chá toma não só as mais sutis tonalidades do âmbar como refresca os lábios e a garganta de quem o bebe, por mais quente que esteja.

Enquanto o Miguel faz os deveres, ou ve televisão, ou brinca com o gatito, fão-lhe vagamente companhia, respondendo às suas perguntas, participando das suas brincadeiras, até que o pai o vem buscar. Houve um tempo em que me exigia histórias, agora terá de contenta.-se com as da TV, porque já não sei que mais inventar. Janto só e cedo, coisas simples, próprias de quem frequentou Caldelas durante oito anos seguidos: legumes, vitela ou peixe magro. E isto é assim todos os dias, excepto aos sábados, por almoçar em casa do Darío e aos domingos, por comer em casa do Gil. Nunca saio a noite, deito-me cedo, leio ou oiço música, vejo o telejornal e às onze procuro dormir. Nem sempre o sono vem, mas acordo invariavelmente a mesma hora, e sempre com quinze ou dezasseis anos. Os meus dias são assim.

—Não recebe visitas?

—Sim, às vezes vem gente. Telefonam primeiro, e quando as coisas não se resolvem imediatamente com a minha recusa, que é o mais frequente, vem então a casa, com a condição de não trazerem versos, coisa de que estou farto, a começar pelos meus. Há também quem venha por esse esquisito gosto dos autógrafos. Sem que isso me dê prazer, não me nego, contudo. Estou-me nas tintas para o destino que lhes dão. Assino livros, copio poemas breves, às vezes até inéditos. Há pessoas que abusam, vem com sacos cheios, então perco a

paciência, sou desagradável, porque tudo tem limites mesmo a gentileza. Com os livros, trazem-me flores, discos. Devem saber que gosto de Mozart e que o tempo a comprar guias de árvores e de flores. Como ve, a casa está cheia de girassóis. E na varanda há madressilvas plantadas. E veja como são bonitos aqueles cardos! Há também gente chatíssima: querem entrevistas, opiniões, prefácios, leituras públicas. Só a amizade, que me torna tão vulnerável, me leva a essas coisas. Esta entrevista, por exemplo, para um jornal que nunca vi.

—Mas sabe-se que fora de Portugal, o Eugénio de Andrade tem comportamento diferente: concede entrevistas a televisão e aos jornais, le poesia em universidades e até em festivais.

—E um pouco assim, na verdade. Custa-me aceitar os convites, mas depois, quando me encontro fora do país sinto-me bem, ando bem disposto, não tenho coragem para recusar. E não me saio mal das coisas, pode acreditar; mas não gosto, repito.

—Tem então duas medidas, uma para Portugal, outra para os outros países?

—Tenho uma relação difícil com o país, é certo. Alguém há dias me chamou a atenção para o facto de a palavra Portugal não ter aparecido nunca num texto meu. Deve ser verdade. O meu desprezo pela mentalidade daqueles «que nunca levaram porrada», e o regime de Salazar, inviabilizaram o uso da palavra. Como os cantores da rádio tomaram ridícula a palavra amor, e os vates da televisão odiosa a palavra poeta. Há vocábulos que, só de ouvi-los em certas bocas, dão vontade de vomitar.

Dizia eu que a minha relação com o país não é fácil. É um país talhado para a mediocridade, onde os homens são só até a cintura, parodiando um verso do meu amigo Mário Cesariny. Quer exemplos? Veja o que se fez no centenário do Pessoa. E o que se está a passar com as comemorações dos *Descobrimentos*.

(...)

—Também não é fácil a sua relação com o Porto?

—Nenhuma relação profunda é fácil. A cidade é triste, escura, barulhenta, com nevoeiros que a tornam húmida, viscosa. Pior ainda: aqui arrancam-se as árvores como se fossem ervas daninhas. Em frente da minha casa havia uma de ramagens vigorosas que me entravam pela varanda. Os pássaros, o que temos de mais próximo dos anjos, estavam ali de manhã cedo a lembrar-me que, na minha poesia, os melhores versos lhes pertenciam. Arrancaram-na, e arrancaram outra ao lado, e outras mais adiante. A Câmara mandou arranjar os espaços para se arrumarem mais carros. Como ao lado, e em frente, e mais abaixo, há oficinas de reparação de automóveis, é frequente ter a porta veículos transformados em sucata. A estética camarária tem destas preferências. Senhor presidente!: sou um cidadão que paga pontualmente os seus impostas, tenho direito a uma árvore em frente da minha porta em vez de um monte de lixo. Reclamo da Câmara para me reconciliar com a cidade, uma árvore. E não quero uma árvore qualquer: exijo um jacarandá! Para que a sua flor me anuncie perpetuamente o verão.

(...)

—Vive com uma criança, o Miguel. Que espera de uma criança um poeta, um homem da sua idade?

—Viver, é fora de expressão. Quem vive comigo é o Micky, o meu gato. O Miguel passa cerca de duas horas diárias em minha casa, e aos fins-de-semana nem isso. O meu amor por esta criança, como todo o amor, é sem cálculo. Tenho com as crianças uma cumplicidade poética: as crianças, e também os animais, são sem mácula, e isso é muito perturbante. Vejo o Miguel crescer com alguma inquietação.

Viver é muito perigoso, diz Guimarães Rosa. Eu gostaria que o Miguel viesse a ter consciência de que tem um caminho que ninguém pode percorrer por ele, e que há uma grande alegria em descobri-lo, mesmo de dificuldade em dificuldade. Porque não há caminhos fáceis para quem é responsável; fácil só a merda, como dizia Vladimir Holan, e merda é justamente o que não quero para o Miguel.

(...)

—Sabe-se pouco de si, o Eugénio de Andrade é extremamente discreto, por isso chamou a atenção quando há pouco tempo afirmou em público que era filho de mãe solteira ...

—E um pouco desse pouco nem sequer é verdadeiro... A frase foi imprudente, pois não gosto de trazer ao soalheiro a minha vida. Teria sido mais exacto se tivesse dito que nasci antes do matrimónio. Como se trata de minha mãe, vou dizer-lhe o que sei, que não é muito. Creio que meus pais toda a vida gostaram um do outro, mas viveram quase sempre separados. Para começar, há dois jovens de menos de vinte anos numa aldeia arcaica, de costumes rígidos, no fundo da Beira Interior, no início dos anos 20, de famílias com níveis económicos diferentes, que se enamoraram e como garramos à solta se permitiram que os sentidos impusessem a sua lei, sem esperar pelos sacramentos do altar.

—Que se passou depois do seu nascimento?

—Depois, o rapaz foge para Lisboa, abandonando a rapariga com um filho, que nem sequer perfilha -coisas ambas na grande tradição nacional: foi desse modo que os portugueses fizeram um império e deixaram pelo mundo a alma repartida. Atenuado o des gosto da desonra que lhe caíra em casa, meu avó passou a desempenhar, e bem, o papel de pai; a minha infancia será descuidada e de algum modo privilegiada Tudo poderia ter ficado por aí, e eu seria hoje presidente da junta de freguesia, com um ranchinho de filhos e consumido para arranjar fundos para o desenvolvimento de Póvoa de Atalaia se, no espírito de minha mãe, o homem que partira não continuasse presente. Um dia pegou em mim e abalou para Lisboa -ele chamava-a por cartas, e ela deveria querer reparar a "falta": o casamento teve lugar algum tempo depois. Eu deveria ter sido legitimado na ocasião com um simples averbamento na cédula de nascimento, mas tal cédula não era de uso quando nasci, a legitimação ficaria para depois. Não tardou a saber-se que, durante esses anos de Lisboa, meu pai não vivera num convento: havia outra mulher. A vida conjugal com minha mãe pouco durou, mas o casamento, esse foi para a vida toda, como ordena a santa madre igreja. A certa altura, andarla eu já nos meus treze, quatorze anos, minha mãe resolveu não adiar por mais tempo a perfilhação, mas foi então que deparou com um obstáculo intransponível: o da minha recusa. E basta de biografia!

—Explica-se assim a rasura que dele fez na sua obra.

—Rasura total, com ajuste de contas em duas ocasiões. Em *Verão sobre um Corpo* há um assassinato ritual extremamente violento: no poema, pai e poder são um só, e sobre ele a morte coma a exercer o seu ofício vasando-lhe os olhos, acabando por se refocilar voluptuosamente sobre os genitais até lhos arrancar e cuspir-lhos na cara. Leia o poema: está lá tudo.

—A outra referência é em Poesia: Terra de Minha Mae...

—Exacto. Há também esse texto onde se fala do nosso primeiro encontro, andaria nos quatro ou cinco anos, eu sobre o cômodo do caminho, o senhorito do "monte" do Ribeiro da Orca em cima do cavalo, sem descer para um beijo, uma carícia. Ao tentar dar-me dinheiro, virei-lhe as costas e afastei-me: foi a primeira recusa. Já aí o pai é metáfora da morte -na minha poesia a morte é masculina. Em poemas

recentes de *Rente ao Dizer*, a morte, também ela se aproxima a cavalo, pára a beira do poço, essa boca de sombra negra dos campos da minha infancia, onde estranhamente flutuavam, cheias de brilhos, as maçãs ao fim da tarde.

(...)

—*O Eugénio de Andrade foi agraciado há pouco tempo na Covilhã com a grã-cruz da Ordem do Mérito. Foi importante para si ter nascido na Beira Baixa?*

—Foi importante ter nascido numa pequena povoação do sul, com grandes espaços abertos a poeira dos rebanhos; foi importante ter sentido o ardor do vento e o cheiro da cal fresca; foi importante ter ouvido na noite a música do harmónio, o som do malho na bigorna no pino do verão, o chiar dos carros carrega dos de feno ao fim do dia; foi importante colher as maçãs das árvores e morde-las e deitá-las fora, ou mergulhar os pés na água até ficarem de vidro. O espírito de um lugar assim tanto poderia ter-se apossado de mim numa povoação de Castelo Branco como em qual quer lugar da Andaluzia ou da Sicília. Mas nunca numa cidade.

(...)

—*... talvez gostassem de saber o que pensa do seu percurso poético.*

—A minha poesia é o historial de uma grande fidelidade: à terra, à língua, ao calor animal de alguns encontros afortunados. Ultimamente, dou comigo apesar que sou dos raros poetas portugueses actuais que escreve com a consciencia de que outros escreveram antes dele, e o fizeram com ritmos, sons, estruturas de uma língua comum. Como qualquer outro escritor, tenho uma família, de quem herdei alguns bens, com baixa cotação no mercado, é certo, mas de que sou cioso, e de que nunca me desfiz. São coisas que gostaria de passar a outras mãos, não direi mais limpas, mas talvez mais ousadas. E já agora deixe-me referir-lhe os nomes dessa linhagem, pois apesar de pobretões tenho orgulho neles: Pero Meogo, Gil Vicente, Camões, Cesário, Pessanha, Pessoa, Nemésio. Que deus os tenha na sua santa glória, que a merecem.

(...)

—*Sendo um poeta de vida vivida na cidade (à excepção do breve tempo de infância) como consegue manter vivazes as raízes que tão profundamente o ligam à terra e afinal a todos os elementos, e são uma constante recorrência na sua obra?*

—Não é bem Como diz. Houve primeiro essa infância na Beira Baixa; depois, cerca de quatro anos nos arredores de Coimbra; e, a partir dos vinte e quatro anos, esta profissão, que é ainda hoje a minha, que me levou a correr o país de lés a lés. Feitas bem as contas, não sei se passei mais tempo na cidade ou fora dela. É que, mesmo no Porto, vivo tão isolado, que se não fora o lixo amontoado nas ruas e o cheiro dessa fábrica imunda que há ali para os lados da Campanhã, que nos corta a respiração cada manhã, certamente esqueceria que vivo numa cidade.

(...)

—*Não tem, portanto, a nostalgia do sítio onde nasceu?*

—A minha nostalgia é dos corpos que abracei a sombra dos amieiros, ou dos montes de feno onde, noites de verão, me abandonei ao prazer. Tenho nostalgia de todos os lugares onde me senti de harmonia com os outros.

(...)

—*Onde nasceu?, em que data?*

—Em Póvoa de Atalaia, para os lados do Fundão. Sou filho de camponeses abastados pelo lado paterno e de gente que trabalhava a pedra pelo lado materno. Da mãe herdei a sensibilidade, o sentido do rigor, certa inflexibilidade de carácter; do pai não herdei nada, por nada haver para herdar.

—*Quais foram as figuras da sua infância?*

—Minha mãe e meu avô Guilherme, mestre de obras. À mãe devo o ter despertado cedo para a poesia, de meu avô tenho a consciência artesanal: ninguém melhor do que ele fazia o risco de uma casa, ensinava a aparelhar uma pedra, podava uma oliveira. Todo o meu ofício o tem por modelo.

—Que formação escolar e religiosa recebeu?

—A escola, aos seis anos, começou em Póvoa de Atalaia, continuou em Castelo Branco, e aos nove anos prosseguia em Lisboa, para terminar sem proveito em Coimbra. A educação religiosa foi solta, mas por volta dos meus doze/treze anos fui assaltado pela fascinação da santidade —era a fome de absoluto a morder-me as canelas. As primeiras leituras do Eça, do Junqueiro, do Zola, iriam varrer tudo isso— a paixão pela poesia, que então começara a despertar, foi preenchendo o espaço onde anteriormente o Menino Jesus me sorria e S. Francisco me estendia fraternalmente a mão.

—Acredita em Deus?

—A ideia de Deus, num mundo tão monstruosa-mente injusto, não cabe no meu entendimento.

— Quando começou a escrever poemas?

—Por volta dos meus doze anos descobri na casa de um vizinho que me dava explicações uma biblioteca a partir daí, ler tornou-se uma paixão. pouco depois, minha mãe ofereceu-me uma grafonola com discos de Haydn, Mozart e Beethoven. Passar horas e horas a ler e ouvir música, numa idade em que deveria andar a jogar o pião ou a correr atrás dos eléctricos, deve ter um significado qualquer, e não seria de bom augúrio. De facto não era —foi pouco depois que principiei a escrever. Poemas não o seriam, mas era assim que lhes chamava. Quando se é muito jovem é quase impossível não ser pretensioso. Escrevia às escondidas, ocultando o que fazia, como se aquilo não passasse de masturbação, ou coisa pior.

—Por que escreve?

—Escrevo (diria um católico, e já percebeu que o não sou) para salvar a alma, pois apesar da sua transparência alguma mancha há-de ter.

—Tem carreiras paralelas?

—Carreira, não; a poesia não é uma carreira, Tive durante trinta e cinco anos a profissão de inspector dos Serviços Médico-Sociais. Sempre preferi um trabalho distante do que em mim era mais vulnerável: a poesia e a vivência dela. É difícil ser poeta? É fácil; ou então impossível.

—O que significa ser poeta?

—Não sei; poeta é uma palavra que se me foi tornando odiosa. Tenho a sensação de ser, actualmente, sinónimo de imbecil, ou pior. Por mim, uso a palavra raramente, reservando-a para um Cesário, um Pessanha, um Dante, um S. João da Cruz.

(...)

—Vai deixar S. Lázaro, onde vive há tantos anos e conviveu com artistas das Belas Artes, alguns hoje também famosos ...

—Quando para aqui vim, em 1964, a rua parecia de arrabalde, com uma ou outra mulher ociosa à janela e uma poesia menor de rolas arrulhando numas águas-furtadas. Já por cá não passavam carros de bois, mas nos quintais das trazeiras ainda se cultivava a vinha e plantavam couves-galegas. A rua, a meio, formava com outra um pequeno largo, e chegava-se lá por uma correnteza de lódãos bastardos e castanheiros-da-índia -era aí a minha casa. Dos castanheiros ainda restam exemplares, os lódãos foram-se perdendo, um deles entrava-me pela varanda, para meu contentamento. De noite carregava de pardais, ao amanhecer eram eles

que me despertavam. Nas trazeiras da casa, ao alcance da mão, havia um pessegueiro e uma nespereira. Um dia, antes mesmo do frio e da chuva partirem, acordava com estas árvores floridas, primeiro a nespereira de flores trapalhonas mas aroma nupcial, depois o pessegueiro de pétalas orvalhadas como sílabas de um poema japonês. O seu lugar foi ocupado por telhados de zinco, apenas humanizados pela gataria da vizinhança. O larguinho nunca teve nada a recomendá-lo, a não ser o ar sossegado, que foi perdendo com o tempo. Em vez dos pardais, sou agora acordado pelos travões desses mastodontes com mais rodas do que patas tem a centopeia.

Não, não espero, se mudar de residencia, vir a ter saudades da rua Duque de Palmela, a não ser talvez do pequeno lódão que, gentilmente, a Câmara voltou a plantar-me à porta.

Eugénio DE ANDRADE (2015) *Rosto Precário*

— Praça da Alegria — Rua de São Vítor

Texto 6

Praça da Alegria

Cheira bem: a café fresco, ou antes, a café misturado com o cheiro das violetas que o pequeno vendedor pusera em cima da minha mesa, insistindo para que lhe comprasse um ramo. A quem o daria? Disse-lhe isto mesmo: que vivia no Porto como quem vive na ilha do Corvo, não tinha ninguém a quem dar uma flor. O rapazito, com olhos escuros de potro manso, percebendo que a minha recusa era débil, não arredava pé. Acabei por comprar-lhe as violetas e oferecê-las à lua, acabada de surgir no canto da praça, branca, redonda, carnuda, que, apesar de puta velha, ao aceitá-las, se pôs da cor das cerejas.

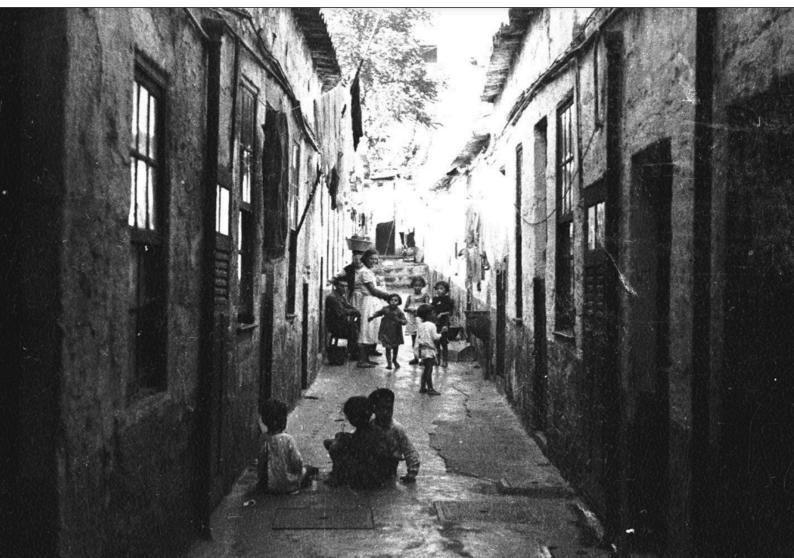
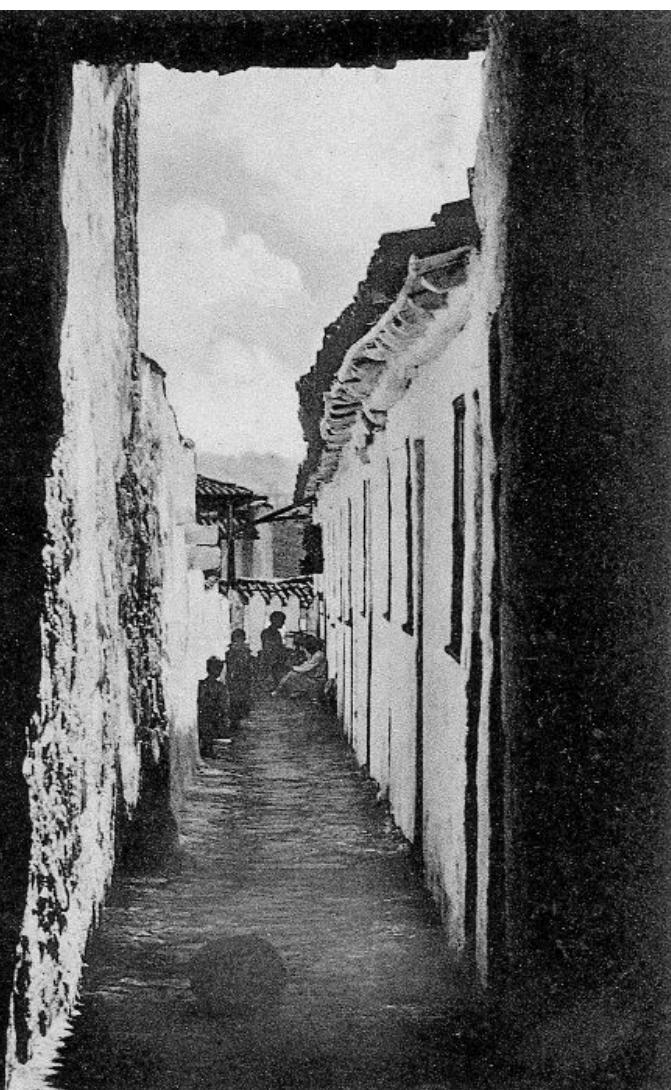
Eugénio DE ANDRADE (1987) *Vertentes do Olhar*

Texto 7

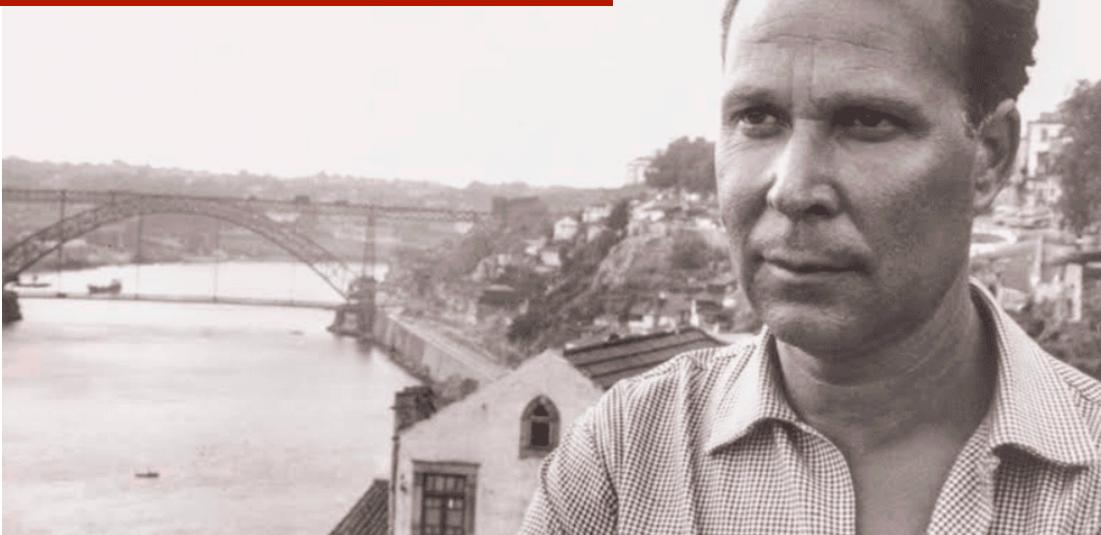
Crianças de S. Vitor

As crianças são
o verde dos frutos
as abelhas todas
do rumor dos pulsos.
Os anjos procuram
impedir que cresçam,
quebram-lhes a raiz
tímidas do desejo.
Trago-as comigo,
deito-as no poema,
o que em mim é riso
põe-se à janela.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da terra e outros epitáfios*



— O Baixo e o Alto Douro



Texto 8

O Baixo e o Alto Douro

Eu subí há dias o Douro numa lancha da Marinha Era setembro, os dias estavam lúcidos e maduros corno cachos nos socalcos, e uma aragem fina punha na água um arrepio que não chegava a enrugar-lhe a pele transparente. Essa transparência que nos entrou pelos olhos mal deixámos a Ribeira e o óleo das suas águas, onde boiavam folhas mortas de couve, alguns garotos e vidradas cabeças de peixe, foi a primeira bênção que recebemos do pátrio Douro, como lhe chamaba Garret.

Meu deus, o Douro, o Alto e o Baixo, tanto monta, não fora ainda invadido, mesmo depois a construção das barragens, por essa industrialização em estado bruto, que vem inundando os nossos rios de espuma putrefacta e os nossos campos de montes e montes de lixo; o Douro era ainda um rio, o Douro era ainda uma canção! Também a sua paisagem, pelo menos nas margens, não fora ainda atingida por essa forma de morte trazida ao litoral português pelos patos-bravos com o seu "estilo-maison" e por esses parranas engravatados com requentados pós-modernismos, como se todos eles não tivessem outro propósito que transformar uma paisagem de écloga renascentista, em grande parte ainda a nossa não há muitos anos, num arremedo de descampado cigano. Tal corja, com o seu espírito de rapina e total ausência de gosto, mais não pretende que tornar insignificante um país que o não era antes de se ter tornado num quintalório deles.

Eu desci há alguns dias o Douro, não ignorando o privilégio que me fora mas sem suspeitar da intenção do convite: a de nos estimular, a mim e aos meus companheiros de jornada, a fazer este livro. Precisei de pensar na resposta, pensar naquela constelação de silabas, que me traziam imagens ora luminosas ora crepusculares: Cabedelo, Areinho, Entre-os-Rios, Penha Longa, Porto Manso, Aregos, Mesão Frio, Barqueiros, Armamar, Galafura, Pinhão, S. Salvador do Mundo, Riba-Tua, Penajóia, Barca de Alva, nomes mordidos pelo sol, acariciados pelo orvalho.. Conheci o rio antes de haver sido transformado em sucessivos e longos espelhos mas minha intimidade era maior com as margens baixas, onde chega justamente para deixar de o ser. Com o Alto Douro o trato era menos assíduo, embora, no tempo das minhas andanças como inspector de uns serviços públicos, volta e meia não tivesse mais remédio que tomar os seus comboios lazarentos...

Eugénio DE ANDRADE, Dario GONÇALVES, Júlio RESENDE (1990) *Canção do mais alto rio*



— Cemitério do Prado do Repouso



Texto 9

Terra: se um dia lhe tocares
o corpo adormecido,
põe folhas verdes onde pões silêncio,
sê leve para quem o foi contigo.

Dá-lhe o meu cabelo para sonho,
e deixa as minhas mãos para tecer
a mágoa infinita das raízes
que no seu corpo um dia hão-de beber

Eugénio DE ANDRADE (1948) *As Mãos e os Frutos.*



Texto 10

Metamorfoses da palavra

A palavra nasceu:
nos lábios cintila.

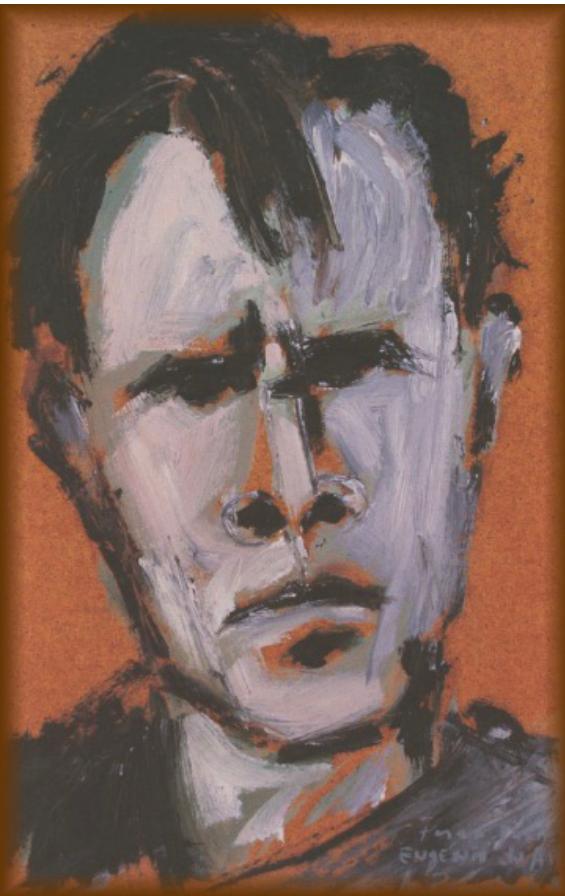
Carícia ou aroma,
mal pousa nos dedos.

De ramo em ramo voa,
na luz se derrama.

A morte não existe:
tudo é canto ou chama.

Eugénio DE ANDRADE (1956) *Até amanhã.*





— Café Cifrão — Escola de Belas Artes — Café São Lázaro — Café São Paulo

Texto 11

Casa de Álvaro Siza na Boa Nova

A musical ordem do espaço,
a manifesta verdade da pedra,
a concreta beleza
do chão subindo os últimos degraus,
a luminosa contenção da cal,
o muro compacto
e certo
contra toda a ostentação,
a refreada
e contínua e serena linha
abraçando o ritmo do ar,
a branca arquitectura
nua
até aos ossos.

Por onde entrava o mar.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da terra e outros epítáfios*

Texto 12

Vasco Graça Moura – “Eugénio e os pintores”

sei de pintores que se inquietavam por
pressentirem uma relação entre a cor e a palavra,
era nos anos sessenta em s. lázaro, quando
a luz entardecia, muita gente se afadigava no
lento regresso a casa, as aves recolhiam e
eles sabiam que havia alguém para falar
das águas e das luas e da sombra
das cores, dos gestos entre as hastes e os farrapos
do silêncio, seria à mesa do café, numa
sala cheia de livros, num vão de escada a caminho
do atelier que lhe propunham essa
revisita das fontes, das perturbadas melancolias
que ele havia de dizer por palavras no papel,
mostravam-lhe os trabalhos, esperando as
justas perífrases, os ritmos em que haviam de rever
a sua fome do real nas artes da pintura.
era o cruzar das solidões comovidas: tudo
seria reescrito, portuense, partilhado

com uma densa, irisada exactidão, lá onde
umas pétalas da música começam
a partir de uma cor ou de um murmúrio,
de um rosto ou de uma nuvem,
de uma explosão do sol, de uma agonia,
era nos anos sessenta, era em s. lázaro.

Poema de Vasco Graça Moura, ilustração de Alberto Péssimo, *Aproximações a Eugénio de Andrade*, ASA, 2000.

Texto 13



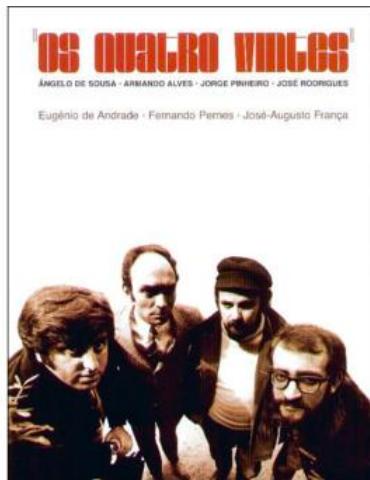
Evocação

Ao café de S. Paulo, quantas vezes,
Outrora fui buscar-te!
Sentíamo-nos ambos portugueses
E occidentais, em arte.
Do Jardim de S. Lázaro chegava
Um apelo de tília e de açucena
E aquele aroma, cálido, embalava
A carne, loira num, no outro, morena.
Roma, Londres, Paris (talvez Nínive...)
Cercavam-nos então.
E aquelas ilusões
que nunca tive
Poisavam-me na mão...
Ó lucidez da nossa inconsciência!
Voz que, no azul do ar, se diluía...
– Eugénio? – Pedro. (Eugénio – a inteligência;
Pedro – o instinto).
E despontava o dia!
Teus versos eram, sempre, madrugada
Diáfana, tão pura!
E eu dizia-te adeus, de alma lavada,
Mergulhando, depois, na noite escura...

Poema de Pedro Homem de Melo, ilustração de Artur Bual, *Aproximações a Eugénio de Andrade*, ASA, 2000.

Texto 14

O Porto dos pintores, prr sua vez, é sobretudo o Porto do Eugénio de Andrade e de um grupo de artistas plásticos que vai no essencial, digamos da modernidade de matriz ainda neo-realista de um Augusto Gomes (de quem creio que Eugénio não chega a falar), na sua transição para o expressionismo então turvamente dilacerado de um Júlio Resende, à vanguarda que no seu tempo representam as



propostas d'*'Os Quatro Vintes'*¹. E foi a estes, ou melhor, a três destes, que Eugénio dedicou o melhor da sua escrita sobre pintura, uma vez que se diria que Jorge Pinheiro o interessou menos (que me lembres apenas o refere num texto sobre o próprio grupo, que de momento não tenho à mão). Aqui, talvez seja de arriscar uma conjectura. O Jorge Pinheiro dessa fase, que ainda não é o do cerebral serialismo combinatório dos anos 70, tem alguns aspectos que são ainda uma espécie de "herança" figurativa de Augusto Gomes. Ora, nestes textos de Eugénio, por várias razões me parecem indissociáveis de uma certa atmosfera que o Porto pôde, quis e soube viver nos anos sessenta da Escola de Belas-Artes de São Lázaro à Cooperativa Árvore e à sede da Editorial Inova, o autor parece privilegiar uma criação plástica em que a relação mimética com o real abre já, ou é ponto de partida para algumas vertentes de abstracção. Já era assim com Recende; continua a ser com as três distintas formas de lirismo que Eugénio de Andrade vai propor nas suas leituras das explosões coloridas de Ângelo, do manierismo obstinado de Rodrigues e do gesto expressionista de Armando.

Ângelo de Sousa é ainda o das incandescentes sugestões vegetais e de uma "pintura tão esplendidamente enraizada no coração do dia, onde ser e conhecer são apenas dois tempos de um só respirar" (A. S. p 103), José Rodrigues é ao mesmo tempo, o autor das ilustrações de errância delicadamente erótica das Cartas de Sóror Mariana e o desenhador de certas visceraldades de "uma poética articulada no limiar da desesperança" (A. S., p. 114), Com Armando Alves situamo-nos nas múltiplas poéticas do espaço alentejano. "horizonte onde o olhar se estende e consome e a solidão sobe alta como a lua".

Vasco DA GRAÇA MOURA (2005) "*Matérias de silêncio*" en José da CRUZ SANTOS *Ensaios sobre Eugénio de Andrade*, Porto, Edições Asa, 2005

¹ Alusão irónica a uma marca de tabaco da época – Três Vintes –, o nome do grupo prende-se com o facto de todos terem terminado os respetivos cursos com a nota de vinte valores na Escola de Belas-Artes do Porto, onde viriam a exercer atividade docente

— Jardim de São Lázaro



Texto 15

Jardim de S. Lázaro

É um suspiro a água -
ergue-se
como os lentíssimos lábios do amor
descem pelas espáduas.
Com o sopro da manhã e o aroma
das frésias eu sonhava longamente.

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da terra e outros epitáfios*



Texto 16

Árvores

Dar às árvores nomes de pessoas não é coisa só de ingleses. Em Coimbra tinha um choupo branco a que chamava David; num jardim do Porto, onde durante anos e anos passava todos os dias, a uma pequena magnólia que em pleno inverno carregava de flor, dei o nome de minha mãe; àquele plátano imenso, que à entrada do Jardim de S. Lázaro se tornava mais belo quanto mais envelhecia, chamava-lhe Watt, Walt Whitman o Poeta.

Baudelaire, num dos seus poemas em prosa, diz que os habitantes de Lisboa de tal Modo odiavam as árvores que não deixavam uma só de pé, substituindo-as pelo frio dos que mármores.

Descontando o exagero, convenhamos que, entre nós, são já raros os homens capazes de olhar uma árvore como imagem viva do espírito da terra, e acolherse à sua sombra como se entrasse em casa do amigo.

Eugénio DE ANDRADE (2001) *Os sulcos da sede*

Feira de pássaros

Quem desça a Rua de Santo António ao domingo de manhã cai inevitavelmente na feira dos pássaros. Ao princípio era bonita de ver: os passarinheiros chegavam cedo com as suas gaiolas de canários, pintassilgos e verdilhões, dependuravam-nas no paredão da Rua da Madeira, vinham compradores e curiosos, trocavam saberes e experiência, comparavam cantares e plumagem, contemplavam com prazer os exemplares mais afortunados ou exóticos –bicos-de-lacre, mandarins, periquitos, que dos dedos saltam para o ombro, quando ensinados. Havia também por ali quem se apiedasse das pombas e das rolas, que não tardaram em afluir à feira, em gaiolas onde mal cabia um grilo, pousadas a esmo pelo chão lamacento. O êxito de público, e talvez de vendas, rapidamente chamou ao recinto um minúsculo comércio de alpista e armadilhas, e um outro, esse organizado, de sementes mais adequadas, do amarelo ao salmão, e gaiolas metálicas de arquitectura inspirada em orientes de pacotilha, e até cassetes com gravações destinadas a canários, rouxinóis e melros mais atrasados no canto.

— Biblioteca Pública Municipal



Texto 18

— Mas a Câmara concedeu-lhe a medalha de oiro...

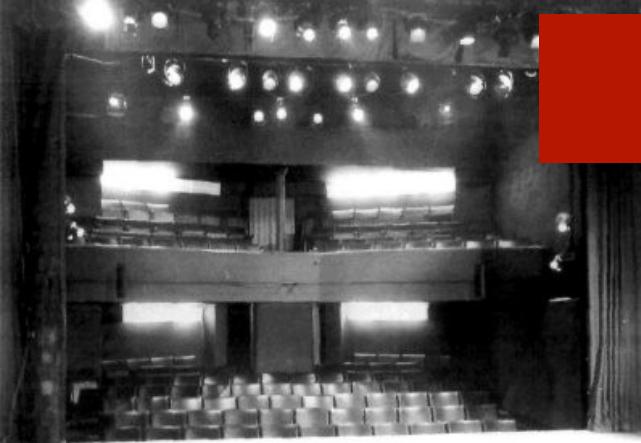
—Deixe-me rir! Há dois ou três anos fui informado que a Câmara Municipal me concedera, por mérito, a

sua medalha de oiro. Como o oiro está caro, lá fui à festa da Biblioteca Municipal recebe-la, juntamente com um bispo, e já não sei quem mais. Depois de uma conferencia chatíssima sobre o Nasoni, houve discursos, e por fim deram-me um canudo com um abraço. Já em casa verifiquei que dentro não havia medalha nem de oiro, nem de prata, nem sequer de cobre. Havia apenas um diploma, ou coisa parecida, amarrado com uma fitinha de seda, e um folheto onde me informavam que se queria a medalha a mandasse fazer e pagasse, porque a Câmara não dispunha de verba. Eu, claro, também não, e é por isso que não ando a prometer libras de oiro aos pobres da minha freguesia.

Eugénio DE ANDRADE (2015) *Rosto Precário*



— Rua Coelho Neto, 40 B



Interior da sala do Teatro (de bolso) António Pedro ou Teatro de Algibeira na Rua do Ateneu Comercial do Porto, n.º 9 (já foi a Travessa Passos Manuel). Foto de doportoenaooso.blogspot.com

— Teatro TEP

Texto 19

Retrato de actriz (Eunive)

É uma mulher ao espelho; prepara-se para atravessar o deserto antes de entrar em cena. *Não sei de solidão maior, já na infância o medo era o meu diadema, tremia sempre antes de me atirar do muro sobre o montão de folhas secas; afinal eram tão maternais as mãos do ar sobre o meu corpo tão inocente ainda; mas ignorar é outra forma de saber.*
Agora ia ser outra mulher, amar o poder, pôr na cabeça uma coroa, sentir o cheiro do sangue até à náusea, cuspir a vida por não poder suportá-la. Por fim, trémula ainda, regressará à sua solidão, à poeira dos dias luminosos, já sem receio de saltar sobre as folhas secas- há tantos, tantos, tantos anos.

16-8-84

Eugénio DE ANDRADE (1974) *Escrita da terra e outros epitáfios*



— Café Majestic



— Praça da Batalha

Texto 20

Capital do granito



Não sei como é que a palavra se insinuou: convenhamos que vem pouco a propósito. A transparência é aqui nostalgia: até a luz terá a cor do granito. Mas o granito é às vezes de oiro velho, e outras azulado, como o luar escasso que nesta noite de outono escorre dos telhados. Quando o sol, mesmo arrefecido, incide nos vidros, as mil e uma clarabóias e trapeiras e mirantes da cidade enchem o crepúsculo de brilhos –o Porto parece então pintado por Vieira da Silva: é mais imaginário que real. Para as bandas de S. Lázaro, as ruas estão coalhadas de silêncio. Os passos de quem regressa tarde a casa são raros, até os mais leves se ouvem à distância. Na noite alta, o repuxo do jardim tem a nitidez de um coração muito jovem. Fora as magnólias, não há árvore com folha. Os bancos estão desertos –os trolhazitos que por aqui se aquecem ao sol, à hora do almoço, devem ter adormecido nalgum canto dessas casas em vias de construção, que há um pouco por toda a parte. Dormem enrolados no friinho que principia a rondar. Os cafés fecham as últimas portas. Saem os retardatários um pouco aos bandos, quase todos jovens. Barulhentos, sem pressa, encaminham-se para a Batalha. Um automóvel, rápido; outro; outro ainda. Um dos moços assobia. As palavras da canção ecoam-me na cabeça:

If you're going to San Francisco
be sure to wear some flowers in your hair...



Param a olhar os cartazes de um **cinema**. São realmente muito novos e, como poldrinhos amedrontados, juntam-se, empurram-se uns aos outros, aos berros: –Não viste nada, pá, quem viu fui eu! –É um adolescente de camisola alta, os cabelos à Shelley, as calças cingidas. Que teria ele visto, que deixou de assobiar? A Mónica Vitti entrar no **Hotel da Batalha**? O rei Édipo atravessar a praça pela mão de Antígona? Os Beatles empoleirados na estátua de D. Pedro V? Ou o rosto que eu procurava na noite – o rosto sem feições conhecidas de Domingos Peres das Eiras, escoando-se, solerte, pela Rua de Cimo de Vila? Sigo-lhe a sombra, distanciado, e logo lhe perco o rastro. Talvez tenha entrado numa daquelas casas





Rua de Cimo de Vila.



Rua Chã das Eiras.

estreitas e encardidas, de letreiros pendurados no portal, anunciando «Dormidas» em letras vermelhas. De uma ou outra janela exígua, uma luz bafienta escapa-se, a custo, entre as portadas espessas. Inesperadamente, ouvem-se uns risos meio aloucados de rapariga, o ranger de uma porta que hesitou em abrir-se, logo uma voz muito frágil, rasteirinha: –Fica ainda um pouco, Miguel. –Eis a Rua Chã, a **Rua Chã das Eiras**, como outrora se dizia. Aqui, dentro de portas, a mais triste das máscaras de Eros fascinava ainda alguns solitários. Dois soldados olhavam as vidraças foscas. Um velhote aproximou-se a cantarolar, pediu-me um cigarro. –Contente, hem?! –Pois..., a vida são dois dias. –Ou menos, homem. E donde tira você a alegria? –Olhe, do sol... –O velhote fitou-me. Não posso jurar que sorrisse, mas os seus olhos brilhavam no escuro. Ainda me ocorreu perguntar-lhe: –E quando chove? E olhe que chove muito no Porto! –Mas fiquei calado. Um homem que arranca alegria do sol tem direito a ser respeitado. O velho sumiu-se por uma viela abrindo em arco. A Sé via-se já de flanco. No empedrado do terreiro, os passos crepitavam. Só o barulho das motorizadas conseguia atravessar tanto silêncio. As colinas de Gaia estão cheias de luzes coadas por uma neblina rala que jamais se extingue. Não há nenhuma cidade, assim, que subitamente não se torne secreta. No rio, junto ao cais, distinguiam-se dois ou três barcos de carga, no meio do tremor mercantil dos anúncios luminosos. No negrume dos telhados, quebrado nas ruas mais próximas quase só pela branura de uns lençóis a secar às janelas, rompem as agulhas das igrejas – lacinantes. Quatro ou cinco mimosas tremem miudinhas. É outono, creio que já o disse: a terra cheira bem. No Carmo já deve haver violetas à venda. Preciso passar por lá amanhã: tenho a quem enviar um ramo. A noite embaciara à medida que crescera, mas vislumbrava-se ainda, lá ao fundo, uma torre esgalgada. O assobio recomeçou, não sei onde, talvez na Rua Escura ou na de S. Sebastião. Mas agora era outra a música que tinha dentro de mim:

«Para a minha alma eu queria uma
torre como esta,
assim alta,
assim de névoa acompanhando o rio.

— Muralha fernandina



Texto 21

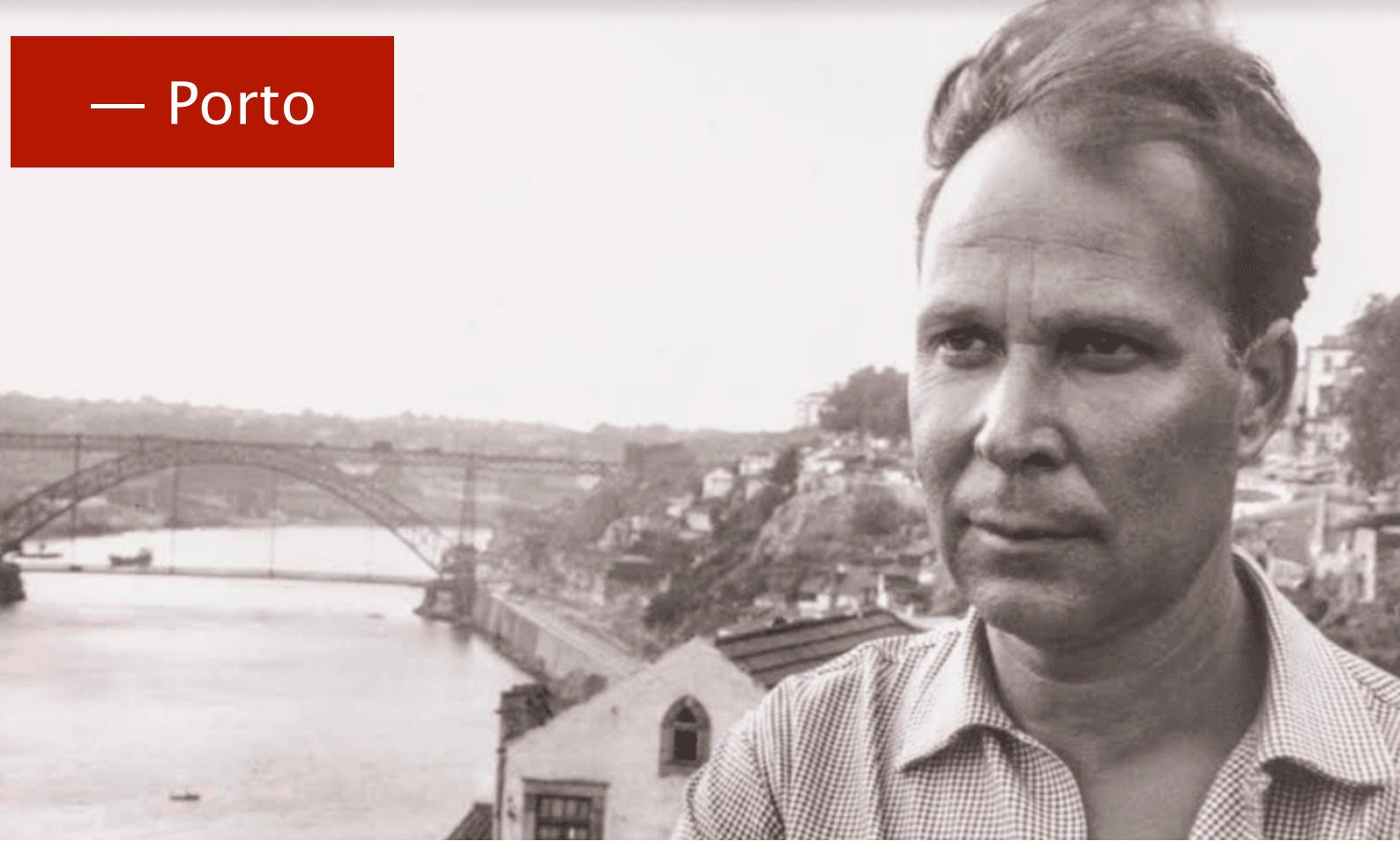
Muralhas

Eu vi essas muralhas ruírem
sobre o rio -eram calmas as águas
de setembro, e sucessivas.

Despedia-me das folhas,
também eu preparava esse abandono
da cidade e das suas almas.

Eu vi essas muralhas.
Eram espessas broncas frias.
Ruíram, quando as olhava.

Eugénio DE ANDRADE (1980) *Matéria solar*.



Texto 22

Porto

O Porto é só uma certa maneira de me refugiar na tarde, forrar-me de silêncio e procurar trazer à tona algumas palavras, sem outro fito que não seja o de opor ao corpo espesso destes muros a insurreição do olhar.

O Porto é só esta atenção empenhada em escutar os passos dos velhos, que a certas horas atravessam a rua para passarem os dias no café em frente, os olhos vazios, as lágrimas todas das crianças de S. Victor correndo nos sulcos da sua melancolia.

O Porto é só a pequena praça onde há tantos anos aprendo metódicamente a ser árvore, procurando assim parecer-me cada vez mais com a terra obscura do meu próprio rosto.

Desentendido da cidade, olho na palma da mão os resíduos da juventude, e dessa paixão sem regra deixarei que uma pétala poise aqui, por ser tão branca.

Eugénio DE ANDRADE (1987) *Vertentes do olhar*

Texto 23

Cidade

Meti-me por setembro fora, a caminho do fulgor das maças, deixando para trás os bruscos golfos da tristeza e uma luz de neve quebrada de vidraça em vidraça.

Contemplava a cidade das pontes pela última vez, envolvida por lençóis encardidos e uma névoa que subia do rio para lhe morder o coração de pedra.

Era um burgo pobre, sujo, reles até -mas gostaria tanto de lhe pôr um diadema na cabeça.

Eugénio DE ANDRADE (1978) *Memória doutro rio*

Texto 24

(...)

—*E contudo, Você escreve. Para que escreve então?*

—Para adiar a morte, naturalmente. Mas afastemos esse tipo de questões. Não são da minha especialidade.

—*Mas, e o trabalho que faz para ganhar a vida e que nada tem a ver com os seus poemas, pois, como o Eugénio de Andrade me disse uma vez, sempre recusou assalariar a sua escrita?*

—Sim, há outro trabalho. Como disse: aquele em que ganho a vida. Há trinta e três anos que por lá ando, a fazer não sei o quê. Mas Você o disse: a ganhar a vida. Ou antes: a perdê-la. Não vale a pena falar disso. Toda a gente sabe que um escritor em Portugal, com fascismo ou sem fascismo, etc., etc., etc. (O patético é o tom que mais detesto. Adiante, pois.)

(...)

—*É conhecida a sua antipatia por entrevistas (a jornais, à rádio, à TV) e outras manifestações públicas. Porquê essa aversão a uma prática corrente no nosso tempo?*

—O poeta não é corista nem político de profissão, não tem que andar a piscar o olho aos leitores ou a fazer salamaleques à clientela. Nele, o que importa é a obra, e só ela. Ora a obra, se eu tiver a sorte de a ter, está aí —e nada se lhe pode acrescentar. Quanto ao poeta, terá tudo a lucrar se souber escapar a uma publicidade degradante, recusando-se a que transformem o que faz em mero produto na moda.

—*Sabe-se que uma das mais recuadas imagens dos seus dias é uma mulher a cantar. Essa mulher, «com a sua voz antiquíssima e branca, à distância de cinquenta anos» continua-lhe «a embalar o coração». Esta sua invocação da infância sugere a pergunta: de onde lhe vem afinal a poesia?*

—Sem dúvida ela começou nessa voz, já o tenho dito, mas aqui está uma coisa que gosto de repetir. Essa imagem solar acabou por se confundir em mim com o espírito da terra, a ela devo que a minha própria voz se não tenha desprendido das origens, e eu continue a ser um poeta português. Quero eu dizer que devo ao céu camponês da minha infância esse princípio de paixão que me leva a procurar nas palavras o rumor do mundo.

—*E porque é que se isola dessa maneira?*

—A utilidade nunca foi o meu forte. Cada vez me sinto mais longe dessa vida a que chamam social ou mundana: estreias, inaugurações, jantares, reuniões, festas, etc. Além de achar tudo isso uma chatice, parece-me serem também a forma mais acabada de se não estar com ninguém. Prefiro guardar o tempo livre para o que me dê prazer, sem excluir encontros com pessoas de quem goste, naturalmente, pessoas que nada têm a ver com a tal «vida social», ou lá como se chama.

(...)

—*Como foi o «Encontro de Poesia» em A Coruña?*

—A Corunha é a mais romântica cidade da Península. A sua luz é de uma brancura acidulada, Visconti teria aqui a cidade para vários dos seus personagens. O quarto do meu hotel dava para aquele porto onde os barcos minúsculos se confundiam com as gaivotas, que ao fim da tarde me passavam a janela, os seus gritos negros ameaçando chuva. A primeira visita foi a Terras do Eume, a estrada seguindo a margem de um rio mais transparente que a alma do Evangelista, até que chegamos a um bosque de avelaneiras, que foi subindo connosco até ao mosteiro de

Caaveiro, onde teria ficado dias sem cantase uns olhos, ainda mais belos do que os de Nossa Senhora dos Olhos Grandes, me não aguardassem no Porto.

Fiquei na Galiza seis ou sete dias a cata de igrejas românicas, que é o que há de mais parecido com um poema meu, enquanto o Xosé Lois fotografava o jogral e a soldadeira do tímpano da igrejinha de São Miguel do Monte ou os lobos dos capitéis de Diamondi, que povoaram a sua infância de pesadelos. Bebemos água fria no monte de Faro, seguimos o voo dos gaios e das rolas a caminho de Requeixo e, já na Chantada, demorámo-nos perto do Asma, reduzido a pequenos charcos cheios de libélulas de um azul metálico de pavão real. Em Lugo só parámos para comprar uma gaita de foles, mas atravessámos várias vezes a ponte de São Fiz para irmos comer trotas e codornizes a um restaurante sobre o Minho pelo preço do sal. Falava do *Encontro de Poesia*, não é verdade? Gostei de ver os amigos, outras amizades talvez tenham tido ali início -escolho o Ramiro Fonte como portador de um abraço aos poetas galegos, por sentir que a poesia que fazem ganhou altura, e continua a subir, a subir. Como o gavião.

(...)

—Como nasceu a ideia da Fundação?

— A preocupação com as coisas que se foram juntando em casa -pinturas, esculturas, desenhos, livros, manuscritos, correspondência- existia há vários anos. Comecei a procurar soluções, que se revelaram precárias. Dou-lhe dois exemplos. Quando o poeta António Salvado era conservador do Museu Tavares Proença, de Castelo Branco, pediu-me umas peças. Dei-lhe então três retratos, dois desenhos e uma escultura: os primeiros que se fizeram, datados, se não estou em erro de 41 e 46 e assinados, os desenhos, por Luís Durdil e Carlos Carneiro. Há dois ou três anos, o museu mudou de conservador, e os retratos foram retirados da parede, não sei onde param. Qualquer doção à cidade onde vivi na infância perdeu todo o sentido, ou a haver algum sentido seria o de me devolverem os retratos, porque gostava deles. Este o primeiro exemplo, agora o segundo. Quando, anos atrás, um ministro da Cultura criou no Porto um museu de literatura, juntei uns caixotes de correspondencia e mandei-os para lá. Passado algum tempo, o ministro foi substituído e uma das coisas que o substituto decretou foi que a literatura não era para museus. Fui obrigado a escrever várias cartas -e não há coisa, com exceção do recibo de contribuinte, que mais deteste -antes dos caixotes irem fazer companhia a outros que já se encontravam em sótãos de amigos. O meu carmelita descalço bem dizia: *para venir a poseerlo todo, / no quieras poseer algo en nada*, eu nem sempre lhe segui o conselho...

A juntar a isto, havia o espaço. Os amigos não ignoravam que, após a exposição de Macau, para a qual se emolduraram retratos que até aí estavam em pastas de cartão, estes não puderam regressar a casa —não havia paredes onde coubessem; como também sabiam que livro que entrasse em casa obrigava outro a sair. Os retratos tiveram portanto o destino da correspondência: foram fazer companhia a tantos e tantos caixotes com livros, revistas, jornais, etc., que não cabiam em casa, apesar de em casa só haver quadros e livros.

Foi sobre a preservação do património e a exiguidade do espaço que os amigos do cafetinho dos domingos insistiram, numa manhã em que me convocaram para expor "o que vinham tramando nas minhas costas, desde há uns meses largos": a criação de uma Fundação que, simplesmente, acolhesse o que corria riscos de se dispersar e me proporcionasse espaço para trabalhar. Tinham já mesmo abordado o Presidente da Câmara, mas fora então que o Dr. Fernando Gomes lhes perguntara: E que pensa o Eugénio de Andrade? Não sabe de nada, foi

naturalmente a resposta. E era exactamente para o saberem que estavam ali. Eu olhava os meus amigos comovido com a sua dedicação, e não o ocultei, mas também não deixei de lhes dizer que tudo aquilo estava tão distante do meu espírito que apenas me ocorria recusar. Teria de pensar no assunto. Mas às vezes, como diz o Joaquim Manuel Magalhães, "O que não é possível põe-se a acontecer". Motivo mais forte, que certamente por delicadeza os amigos não invocaram, era o da saúde. Diz o provérbio chinês que uni homem solteiro vive como homem e morre como uni cão (e, pelo contrário, o homem casado vive como um cão e morre como homem). Viver sozinho, quando se adoece, e na minha idade, é muito duro; por essa razão havia já encarado a possibilidade de passar a viver: mais dia menos dia, com os pais do meu afilhado. Mai haviam passado uns dias tive motivos fortes, e de saúde, naturalmente, para reconsiderar. E dei-lhes a resposta: aceitava ser hóspede da Fundação desde que lá vivessem também o meu afilhado e os pais, e eu não participasse da sua direcção. Et voilà.

(...)

—Gosta do fado?

— Detesto do fado. Detesto o sebastianismo e a filosofia portuguesa. Detesto o Papa, os militares, os romances de Camilo. Detesto o Wagner, o Cristo-Rei e a Elizabeth Taylor. Detesto os sonetos de Florbela e as praias do Algarve. Detesto o bispo de Braga, as iscas de bacalhau, o Ulisses de Joyce, a senhora Tatcher. Detesto o Almada Negreiros, os ranchos folclóricos, os travestis, as majorettes, os pupilos do exército. Detesto o exhibicionismo, o sentimentalismo, o surrealismo e o caldo galego. Detesto a poesia barroca, a arquitectura do Taveira, o Pedro Almodóvar, os pastorinhos de Fátima. Detesto a poesia do Ginsberg, o carnaval carioca. Detesto a pintura do Rubens e os acrósticos. Detesto o Retrato de Dorian Gray, o Andy Warhol, a loiça de Caldas. Detesto a Madonna. Detesto os castelos da Baviera. Detesto anedotas. Detesto jantar com mais de uma pessoa.

—Então de que que gosta?

— De framboesas. Do Mozart. Do *Moby Dick*. Do Walt Whitman. Das infantas de Velázquez. Gosto das *Geórgicas* e da *Ilíada*. De cerejas, de gatos e do Miguel. Gosto de Florença e Praga e Oxford. Gosto dois oiros e dos vermelhos de Rembrandt, das naturezas-mortas de Morandi. Gosto de Li Bai e da canção única de Meendinho. Gosto de Andrei Tarkovsky, dos versos de Pessanha, de Cesário. Gosto de espirituais negros. Gosto da sombra dos plátanos e das ilhas gregas. Gosto de muros brancos, de praças quadradas. Gosto dos madrigais de Monteverdi, da *Casa sobre a Cascata* de Frank Lloyd Wright. Das Variações Goldberg. Das *Iluminations*. Gosto do deserto, dos coros alentejanos. Gosto de minha mãe e de Virgínia Woolf. Da Via Ápia. Gosto dos esquilos do Central Park e das dunas de Long Island no inverno. Gosto de um verso do Cesariny: *Conto os meus dias, tangerinas brancas*. Gosto do aroma do feno e de Schumann. Gosto do cheiro dos corpos quando se amam. Hoje, não gosto de mais nada

Eugénio DE ANDRADE (2015) *Rosto Precário*

